

01

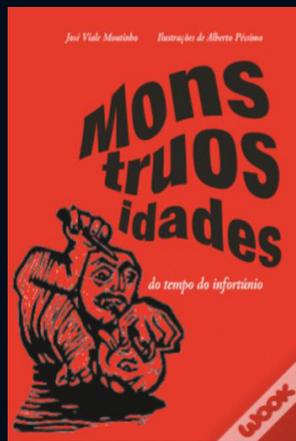
UM CONVITE ÀS MONSTRUOSIDADES EM
VIALE MOUTINHO

Luciana Morais da Silva (UERJ)

*Recebido em 18 jan 2018.**Aprovado em 28 jan 2018.*

Luciana Morais da Silva é Doutora em Letras - Teoria da Literatura e Literatura Comparada - pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Doutora em Letras - Literatura de Língua Portuguesa - pela Universidade de Coimbra, em regime de cotutela (2016). Mestre em Letras - Literatura Portuguesa - pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2012) e Mestre em Letras Vernáculas - Literaturas Africanas - pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2012). Possui graduação em Letras - Português/ Literaturas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2005-2009). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística, Letras e Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: insólito ficcional, estudos narrativos, gênero literário, memória, história, mundos possíveis, narrativa, teoria literária, literatura comparada, literatura portuguesa contemporânea, literatura africana contemporânea, literatura brasileira contemporânea, literatura galega contemporânea e literatura infantil-juvenil, com artigos publicados nas referentes áreas.

O livro *Monstruosidades do tempo do infortúnio*, do escritor José Viale Moutinho, com ilustrações de Alberto Péssimo, lançado em abril de 2018 pela Letras e Coisas traz em seu inventário a materialidade do mórbido e do monstruoso, permitindo que cada leitor enverede pelas cores e sentidos de narrativas curtas intrigantes e, sem exageros, amedrontadoras. A vileza presente no constructo ficcional do escritor toma de empréstimo o inventário próprio de cada leitor para desconstruir certas crenças a partir da própria resignificação de símbolos e significados.



A morbidez observada em sua compilação textual é evidenciada pela presença não sistemática de um conjunto de acontecimentos não sequenciais desvendados a cada nova página de seu livro. As narrativas curtas que compõem seu livro estruturam-se por meio de pequenos recortes circunstanciais da vida; seja de homens, seja de não homens. Assim, o surgimento do in-sólito e do não natural se dá exatamente pela naturalidade com que os acontecimentos vão sendo narrados e desvendados pela escrita astuta e inquiridora de Viale Moutinho.

O monstruoso desenvolvido pelo autor no referido livro decorre tanto do aporte sobrenatural, quanto do natural, pois cada texto apresenta uma experiência singular de contato com as monstruosidades quotidianas em mundos possíveis ficcionais, quer fruto de deformidades físicas, quer fruto de deformidades psíquicas. As histórias engendradas pelo escritor constituem-se pela exceção

com humanos e/ou seres não naturais à margem, conjugando laços borrados seja pela amargura, seja pela satisfação, em movimentos temporais não delimitados em uma linha concisa, mas borrados em função de cada contexto narrativo.

Os monstros presentes na confecção da obra literária de Viale Moutinho são preenchidos pela configuração de suas monstruosidades, compondo, desse modo, processos de fabricação de personagens a partir de suas estruturas modelares. Nesse sentido, as monstruosidades que constituem os monstros do autor produzem múltiplos sentidos para cada narrativa, principalmente pelos variados elementos e significados derivados das estratégias de construção empregados. Seus monstros acabam, portanto, nem sempre sendo formulados a partir do olhar comum ou de monstruosidades conhecidas, visto que o escritor utiliza caminhos diferenciados para evidenciar anomalias sociais.

Publicada em capa dura, a obra de Viale Moutinho tem o formato de uma capa de letras ilustradas já na capa, instigando a procura de significados para as monstruosidades lá impressas, afinal, o tempo do infortúnio apresenta suas “mons-truos-idades” por meio de um jogo de palavras de curioso resultado. Talvez não seja proposital, contudo, a separação da palavra “-idades” ao fim possibilita uma reflexão acerca do diálogo entre o tempo e as idades. A coloração vermelha da continuação do título, “do tempo do infortúnio”, ganha novo sentido, principalmente devido ao destaque fornecido pela cor, pois, como é sabido, o tom vermelho além de ser uma cor primária é, ainda, um tom vibrante e diretamente ligado à memória do sangue e, de certo modo, à vida humana e/ou animal. A coloração vermelha também está presente na sobrecapa com ilustrações em preto.

De coloração vibrante e bastante simbólica, as ilustrações de Alberto Pésimo são constituídas pelas cores vermelho, marrom e preto, indicando uma opção não uniforme e nem multicolorida, entretanto, inquiridora no que tange a constituição das monstruosidades presentes nos textos contidos no livro. Esse produto entre escrita e ilustração é uma obra com possibilidades variadas de leitura, principalmente pela significação das cores e dos elementos não-verbais. Cada história teria, por conseguinte, uma representação pictórica e também uma cor representativa, instigando o leitor a enveredar-se pelas bifurcações das páginas multiformes do livro.

O livro do jornalista e ficcionista nascido em Funchal, Portugal, divide-se em vinte e oito (28) narrativas curtas ilustradas. Demonstrando um verdadeiro conhecimento sobre contar histórias, Viale Moutinho produz um livro de imersão em pequenos eventos do cotidiano ocorridos em terras desconhecidas, seja na aldeia das cobras, seja em montanhas longínquas. O medo presente em seu livro não se aproxima do horror ou do terror, contidos em monstruosidades já conhecidas e aterrorizantes, a leitura permite vivenciar o medo mais poderoso e mais antigo que, segundo Lovecraft (2007), é o medo do desconhecido.

O desconhecido promove, em seu livro, certa sensação de contato com novas culturas, porém os infortúnios da vida, inesperados e desconexos, permitem ao leitor vivenciar os caminhos tortuosos do medo produzido pelo devir. O que pode, por exemplo, acontecer com uma personagem que divide as páginas com o demônio? Qual seria o futuro do homem ao lado do desconhecido ser insólito? Enfim, trata-se apenas de uma das

narrativas: “Negócios com o demônio” (p.139-140). Em mundos de hipócritas e falácias bem construídas, as hipóteses de destruição pelas chamas ou de chagas deixadas pelo homem no mundo animal, encontradas em diferentes narrativas, seriam marcas textuais de infortúnios escolhidos, contudo, inesperados diante da ignorância das próprias monstruosidades derivadas do humano.

A obra literária de Viale Moutinho revela, desse modo, uma potencial característica de composição, sendo um constructo narrativo culturalmente delimitado por dados históricos e, também, por seres míticos e marcados por sua simbologia. Os caminhos determinados pelas próprias histórias permitem um amplo percurso por mundos possíveis ficcionais amplificados pelos possíveis determinantes presentes em sua composição (SILVA, 2016).

As instruções dadas aos leitores pelo autor das “crônicas” do infortúnio prenunciam certezas desfeitas e ressignificações a cada nova página. Nos mundos possíveis confeccionados por Viale Moutinho, o convite primeiro é para que se percorram os interstícios d’“A aldeia das pobres cobras” (p.7-13), questionando o motivo de os humanos nada aprenderem com os míticos seres rastejantes, principalmente ao serem insensíveis diante do desconhecido. O destaque do início ao fim da história é dado, em certo sentido, à desumanização do humano, o devir monstro pelo medo do desconhecido.

No texto dois, “Não sou Pablo de Siguenza” (p.15-17), mais uma vez o medo torna-se protagonista na consecução da história de alguém que não é quem parece. As marcas ficcionais plantam a dúvida e permitem sua ascensão, pois nem mesmo as

personagens centrais das narrativas permanecem manifestando seus questionamentos sobre os acontecimentos a sua volta. O protagonismo presente no texto é volátil como o local da consecução da história e, desse modo, o não natural é manifestado pela concretude das excepcionalidades.

Em “Um penhasco no Douro” (p.19-22), terceira narrativa do livro, cada leitor é convidado, já no título, a conhecer uma região específica de Portugal, o Douro, dividindo com a personagem principal as apreensões diante de um desafio. A ausência de certezas carrega a narrativa para o campo das especulações e das ações grandiosas perpetradas por meio de magia. De fato, não se pode afirmar nada sobre as decisões do protagonista, nem mesmo com relação a suas demandas, no entanto, a dúvida relativa ao futuro permanece a ecoar até o próximo virar de página.

Na sequência, o receptor desavisado depara-se com a “Fábula” (p.25), uma micronarrativa marcada pela intertextualidade e, ainda, por sua relatividade diante dos acontecimentos da vida. Nela, os limites entre o ser e o parecer são mais uma vez postos em causa e, o processo de ressignificação, estabelecido pelo título e pela homenagem prestada a um reconhecido escritor de nacionalidade espanhola, evoca uma ampliação dos sentidos primeiros dos elementos discursivos.

Na quinta narrativa, o leitor caminha pela “Fossa Comum” (p.27-29), percebendo juntamente com as personagens como algumas descobertas podem ser tortuosas e dolorosas. Nos mundos narrativos, as personagens lamentam por seus pés doloridos e questionam as certezas dos caminhos, contudo, não há

o questionamento a respeito da passagem do tempo. Esse de modo traiçoeiro deixa rastros seja pelo uso de vocábulos carregados de significados, seja pelo incômodo causado por uma caminhada. A fossa comum revela-se para as personagens como um encontro de gerações, que se colocam reunidas por meio de pequenas revelações e grandes encontros.

Talvez não propositalmente, mas de maneira bastante singular, a fossa prepara para o encontro permitido no texto seis (6), “A feira do livro à porta do cemitério” (p.31-33), em que o espaço do terror e do medo, os cemitérios de muitas narrativas parece uma porta para novas e outras leituras. No entanto, a feira acaba por ser inconveniente e aparentemente inútil. Afinal, qual seria a utilidade d’“A feira do livro à porta do cemitério”? Quais seriam suas possibilidades de compra e venda? O efeito revelado pela narrativa vincula-se aos desdobramentos da feira e em certo sentido ao destino de livros à porta do cemitério. Trata-se de um texto irônico, produzido em torno de muitas questões e que possibilita um variado leque de dúvidas, principalmente por focar na perenidade do conhecimento e efemeridade do livro.

Na sétima narrativa, “Uns dias de repouso” (p.35-36), a serenidade presente em uma viagem de descanso revela elementos de uma cena cotidiana, porém marcada por uma crueldade mostrada a cada novo passo do protagonista. Seu percurso e suas percepções do entorno deixam caminho para questionamentos sobre a origem do mal, da presença do maligno nas ações de simples humanos. Ainda que os interstícios textuais pareçam apontar para o comum, o corriqueiro, certos encontros marcam a ascendência do infortúnio quer para o protagonista, quer para aqueles que o incomodam.

No texto oito (8), “A vingança ao virar da esquina” (p.39-42), o autor, mais uma vez, faz com que o leitor caminhe pelas veredas da violência e, em certo sentido, do mal. O tema da vingança já desvendado no título assusta e inquieta, permitindo a cada leitor vivenciar os caminhos da vingança a partir de uma história muito bem desenhada, mesmo que permeada por vazios e ausências. A capacidade de diálogo das histórias de Viale Moutinho com um inventário cultural muito bem delineado possibilita, inclusive, a alusão do autor a aquiescência do déifco diante de outras tantas mazelas do humano. O modo como o escritor vai produzindo os questionamentos no decorrer da narrativa permite, por conseguinte, perceber a dualidade também das alusões não ingênuas, mas inquiridoras, que ele acaba fazendo daquilo que vem do alto, dos céus.

Em “A traição da mulher do bombeiro” (p.45-46), a ironia abre espaço para se conjugar a traição no espaço privado com as traições do espaço público e, assim, o escritor promove uma rememoração de datas marcantes para seu país de origem. Com isso, ele tensiona as liberdades e o quanto elas importam para o cidadão que está na base da sociedade. A morte, tema recorrente em suas narrativas do infortúnio, mais uma vez aparece, produzindo efeitos múltiplos e deformes na configuração da estrutura textual, tanto que no fim o leitor não sabe muito bem os limites da variedade de sentidos oportunamente apontados por Viale Moutinho.

Novamente, o convite exposto na narrativa “Balada da tarde na poltrona” (p.49-51) perpassa o encontro com a morte e também o mergulho em histórias e livros, contudo, os livros ironicamente perdem-se no percurso de leitura com personagens ironicamente

presas à margem, vivenciando cenas de romances policiais ou construindo-os. A história confecciona dúvidas acerca do espaço habitado pelo protagonista, pois não se sabe muito bem se suas vivências compõem as páginas dos livros ou se são compostas por elas. Fato é que os mundos possíveis são construídos por meio do contato com livros e também pela contínua reclamação da personagem quanto ao descarte de algumas páginas do livro.

Outra narrativa bastante instigante é “A descida do anjo” (p.53-54), texto em que Viale Moutinho coloca seus leitores em contato com lendas e vivências de uma festa típica. As personagens contam histórias e também comemoram “a descida do anjo”, perpetuando com rituais festivos um acontecimento popular. Isso significa dizer que o autor aparentemente relata a experiência de uma festividade típica de um vilarejo na região do que se conhece hoje como Espanha. As apreensões possíveis dos mundos elaborados pelo escritor conjugam-se, nesse caso, a fortuna possibilitada pela intervenção do alto, do deífico, que, por sua vez, pode produzir modificações benéficas na condição do ser humano.

O contato com a divindade mais uma vez está presente em “Contemplação do deserto” (p.57-60), narrativa com uma personagem que possui “um deserto a começar à porta [...] [de sua] casa” (p.57), portanto, um ser desafiado pela natureza, uma vez que ameaçada pela incapacidade de perceber “o bordo do deserto” (p.57). Destarte, as incapacidades e fugacidades da personagem demonstrarem-se falaciosas, ele planeja mudar o deserto de sítio, já que o homem rompe suas limitações, adquirindo, desse modo, conquistas e amizades não naturais. Um homem modificar completamente o lugar de um deserto não seria, de certo, uma

capacidade humana. Ou seria? Enfim, a narrativa constrói-se por meio das inquiuições e diálogos entre a personagem e outros desconhecidos, encontrando também com vozes deíficas, não se sabe se indicadoras da intervenção divina ou se marcas pungentes dos devaneios de alguém na janela.

Em “Rncos de Oliveira Velha” (p.63-64), Viale Moutinho convida seu leitor a adentrar uma história esperada, corriqueira, sólita. Nela, porém, fabrica personagens animais com características humanas, indicando processos de antropomorfização, principalmente ao desenvolver diálogos e atitudes humanas. Assim, os seres humanos ou não se constroem tomados por uma aura não natural, pois compostos pela maravilha, mas vivos na esteira da descrença e do apagamento. O devir, talvez apagado pela descrença, formula-se aqui não pelo medo, e sim pela indiferença.

A construção de um futuro, se for possível ter futuro, também está exibida n’“O castelo do mau vizinho” (p.67-71), narrativa em que o mal vem do alto, não dos céus, mas da ausência de bondade no coração de um soberano. A história adentra também os limites do maravilhoso por tratar de castelos e feitos grandiosos, porém não há benevolência nas atitudes do mau vizinho, apenas falta de boas ações. É uma personagem caracterizada pelo medo e por sombras, pois nada se faz à sua volta pelo risco da perda. O mal gerado pelas atitudes grotescas do mau vizinho espalha-se, denotando a espantosa capacidade de expansão do que não é benéfico e, assim, todos à volta do castelo parecem submetidos e ameaçados por presenças insólitas e atitudes contraditórias e, em certo sentido, perpetuadoras do mal.

Mais uma vez o insólito atua na narrativa de Viale Moutinho. Em “O desvio da via férrea” (p.73-75), há uma história inesperada dentro da construção de uma inaudita conversa e, assim, cada personagem parece destinada a enxergar fantasmas que, ao fim, não se sabe muito bem se seriam seres naturais ou sobrenaturais. Nesse sentido, a condição da personagem em perceber-se em um mundo marcado pelo empírico e pelo metaempírico contribui para uma indefinição de efeito contínuo até após o desfecho narrativo. Tratando-se de dúvida e de curiosidade, a narrativa não poderia acabar de outra maneira, deixando estigmas da concretização da irrupção do insólito ao fechar-se com a frase: “... a voz fanhosa de um locutor que dizia que nada estava a acontecer em parte nenhuma” (p.75). Essa possibilidade de não ocorrência de nada em lugar nenhum instiga a descoberta e deve-se, no decorrer da leitura de Viale Moutinho, questionar exatamente a naturalidade do sobrenatural, pois é na fugacidade do inaudito que se constituem seus tempos do infortúnio.

No texto dezesseis “Nocturno para passeio” (p.77-78), o escritor não trata de marcas sobrenaturais, nem de maravilhas, mas da condição humana e das insólitas construções contemporâneas, pois é possível na vida quotidiana olhar-se o outro e, simplesmente, não ver. Verdade ou mentira? Não se tem respostas na narrativa, apenas uma construção marcada pela efemeridade da perpetuação do momento, tendo, como devir, as elucubrações de alguém que sobrevive no escuro. Entre promessas vãs e projeções talvez irrealizáveis, as personagens do autor caminham automáticas pela multidão afligidas por suas próprias misérias.

As chamadas não referidas no presente percurso, mas reincidentes nas composições das “monstruosidades” de Viale Moutinho,

estão inquestionavelmente evidenciadas em “O incêndio do velho alfarrabista” (p.81-82), perpetuando as dores e os dissabores da consumação derivada de incêndios e de burocracias. Em tempos do infortúnio, a narrativa promove reflexões sobre o destino de livrarias e livreiros, pois, mais de uma vez, as chamas a findarem culturas e conhecimentos acabam desimportantes frente às demandas quotidianas. Desse modo, o questionamento levantado na narrativa não se atém aos limites textuais relacionados às manifestações do insólito que cercam a personagem, mas extrapola limites ao buscar respostas sóltas para uma crítica contundente diante do medo do devir.

A narrativa “Tratamento de um suspeito” (p.85-89) dialoga diretamente com a narrativa de um importante escritor brasileiro do fantástico, permitindo uma imersão nesse mundo insólito e não natural do devir apresentado por Viale Moutinho. Nela, a personagem encontra-se perdida no desconhecimento e temeroso espaço do devir, pois pelas não respostas derivadas de sua presença em um ambiente de inquirição e de desventura, apenas por não saber responder aos questionamentos que lhe são feitos, o protagonista acaba aprisionado. Assim, o medo e a angústia construídos contribuem para a produção de uma narrativa profundamente insólita, tensionadora da racionalidade, exatamente por pôr em xeque as liberdades de ir e vir e de dar respostas.

A privação de liberdades volta a replicar-se em “Quem quer dormir para sempre” (p.91-93), uma vez que a personagem principal questiona-se sobre as metafísicas da vida humana, refletindo sobre as possibilidades em torno da vida e da morte. Dessa maneira, seja mencionando autores conhecidos, seja

citando um mito, a personagem busca explicações sobre a vida e sobre a morte, produzindo principalmente desdobramentos incômodos e inesperados para sua vida. Nos mundos possíveis ficcionais, o castigo para os suicidas aparece assemelhado ao da excomunhão, tornando o morto alguém à margem, entretanto, na narrativa não se sabe ao certo os percursos nem os caminhos da personagem. Há, com certeza, um percurso bastante significativo para os leitores que pouco a pouco se descobrirão questionando sobre o destino fortuito ou não da personagem. Trata-se de uma narrativa questionadora e multifacetada a ser desvendada pelo leitor atento.

Na sequência dos desafios empreendidos por Viale Moutinho acerca da morte, o leitor é recebido por Cervantes em “A toupeira” (p.95-102) e, então, é apresentado a D. Saturnino. Na narrativa do cavaleiro leitor, seu nariz constantemente entre os livros leva-o pelo caminho entre o confronto de sua realidade e a vivência das aventuras do Quijote. Assim, cada percalço é discutido pelo viés da imaginação e da concretude do ocorrido, contudo, em certos momentos não se sabe mais os limites entre os mundos, pois os embates entre as personagens permitem o crescimento da desconfiança e da certeza da irrupção do insólito na constituição da personagem. A intertextualidade presente no escritor possibilita ao leitor vivenciar novas aventuras e, ainda, ir ao encontro do “herói” de Cervantes, construindo novas perspectivas e ampliando a significação de mais essa narrativa do tempo do infortúnio.

Sem abandonar a temática da revelação de feitos históricos e produção de heróis imaginários, o escritor envereda pela construção d’“O romance da minha vida” (p.105-106), narrativa alinhavada

pela angustia da busca de autoria para contar uma história. Nesse contexto, Viale Moutinho fabrica uma personagem decidida a tornar-se o protagonista de uma história sem autor e, assim, destinado ao anonimato, já que uma história só pode ser contada tendo quem a escreva. Nesse vai e vem, a personagem garante aos seus leitores uma interessante reflexão sobre sua autoconstrução. Mais um conto de idas e vindas inquietantes e maravilhosas.

A necessidade de encontrar um autor para uma história cede espaço para em “O fim da história” (p.109-111) ter-se o encontro com alguém cansado da investigação, determinado a deixar-se guiar pelos acontecimentos, sem mais questioná-los. Nessa narrativa, o devir ameaçador parece derivado do conhecimento da História, da confecção do saber, pois há a construção de um nítido esgotamento da personagem e, então, uma desistência do saber mais formal. Feito isso, a personagem mergulha em novos encontros, porém com o seu passado, com pessoas já suas conhecidas. Assim, a narrativa brinca com os sentidos da investigação, do conhecimento Histórico, ao produzir caminhos para a reflexão e descoberta pelo viés da dúvida e também da negação diante do conhecimento. O autor envereda pelas sendas do insólito ao estranhamente perpetuar os caminhos da História no cotidiano de uma personagem decidida a não reconhecer-se por suas histórias.

Na narrativa “Cabeça de serpente” (p.113-114), o autor igualmente constrói caminhos pela história e ainda pela memória ao produzir reflexões sobre a constituição familiar do protagonista. O percurso da personagem, apesar de conciso, revela a monstrosidade existente nas relações humanas, demonstrada principalmente pela cobiça e o desdém animalizador e anormal

que um humano pode ter pelo outro. Em tempos de relações não construídas, resta às gerações futuras “a decepção” (p.114).

A “Página da vida de um sem-abrigo” (p.117-120) começa nas calçadas, com um conjunto de questionamentos que, de certo, permitem ao leitor duvidar sobre os caminhos da narrativa de Viale Moutinho, percorrendo mesmo a estrada da desconfiança e do descaso. Entretanto, os infortúnios estão expressos tanto nas escolhas do sem-abrigo quanto na exposição da rua, que o leva a não ter liberdade: “o desrespeito pela liberdade individual” (p.118), como a própria personagem observa.

Nessas singularidades percorridas por Viale Moutinho, os tempos e os espaços tendem a parecer corriqueiros, com narrativas que espelham histórias comuns, quotidianas. Todavia, algumas dessas histórias enveredam pelas nuances da perda da liberdade, das monstruosidades que vilipendiam a humanidade, a sociedade, invertendo a naturalidade das coisas para dar visibilidade ao infortúnio que pode acometer a cada um e a todos os dispersos na multidão. Afinal, como se estabelece desde o título da obra, há monstruosidades em tempos de infortúnio ou não? São tais monstruosidades apenas da ordem da construção de monstros? O leitor é, portanto, convidado a descobrir como se configuram os monstros em Viale Moutinho.

Na continuação, o escritor, em “Os eruditos” (p.123-125), coloca lado a lado “quatro ou cinco eruditos que [...] [se odiavam] mutuamente” (p.123), estabelecendo um percurso de conflito desde a primeira linha da narrativa. Com o ódio como elemento constante presente no texto, as descobertas centram-se na construção de

monstros do cotidiano, marcados pela faceta inigualável de roubar a paz de outros. A narrativa trata de livros, do contrato entre patrões e empregados e entre clientes e comerciantes, denotando configurações sociais estabelecidas e o modo como tais relações são construídas. Assim, o percurso das personagens indica as múltiplas histórias que em um mesmo espaço se constituem.

Em outra história marcada pela presença de animais e por condições adversas advindas do fogo, o escritor confecciona personagens contraditórias e apáticas em “A tragédia dos hipócritas” (p.127-129). Nessa história, o teatro dos hipócritas permanece funcional enquanto todo o cenário arde. O percurso narrativo revela ausências monstruosas, pois se deixa de dar importância à vida humana, resultando em muitas mortes, mas que estranhamente não ganham maiores proporções. Com isso, percebe-se como a desumanização apresenta-se como resultante de anormalidades comuns, afinal, um lugar pegar fogo não é incomum, insólito é não existir os que se importem. Isso significa dizer que como produto da narrativa de Viale Moutinho tem-se um conjunto de reflexões possíveis de se realizarem por meio das múltiplas leituras que delineiam nas páginas de seu livro.

Em o “Encontro na editora” (p.131-136) mais uma vez o autor tratará de livros e de leituras, ao permitir uma caminhada pelos interstícios da produção literária, o escritor conduzirá cada leitor à descoberta das pressões que incidem sobre o ato de escrever e, no caso, de publicar. A personagem pressionada é aquela que cria, mergulhada na essência de seres que constituem suas próprias monstruosidades. O criador, também criatura, divide suas apreensões e medos, vivenciando, entretanto, a vida nas páginas

que compõe. Desta feita, o escritor-personagem, após encontro na editora, vivencia sua própria escrita e nesse mundo o leitor de Viale Moutinho é convidado a percorrer essas relações insólitas. A história contada dentro da história é produtora de diferentes efeitos a serem descobertos por cada leitor que, astuciosamente, poderá desvendar quem são as personagens desse autor-personagem figurado na narrativa.

A vigésima oitava narrativa da obra de Viale Moutinho é a já citada “Negócios com o demônio” (139-140), que se configura pela ascensão das dúvidas e mesmo de questionamentos acerca da importância ou não de se fazer negócios com entidades não naturais. O texto revela, como em outras narrativas do autor, negócios efetuados pelo desconhecimento e também para safar-se, ainda que momentaneamente, de algum inconveniente. Desse modo, o percurso textual revela descobertas a serem percebidas pouco a pouco no decorrer da leitura, possibilitando que se transbordem os limites da simples significação, ao extrair dados presentes nas tantas outras decodificações permitidas pelos negócios com o demônio.

O escritor José Viale Moutinho, na confecção de suas “Monstruosidades do tempo do infortúnio”, instiga a que se abram bem os olhos para perceber, por meio de conhecimentos histórico e literário, a grandiosidade de suas composições narrativas. O autor contribui, claramente, para a ampliação dos domínios dos monstros e das monstruosidades, já que, por vezes, nos seus mundos possíveis ficcionais seus leitores são convidados a percorrer as matrizes que moldam a natureza do monstro, seja ele humano ou não.

Os tempos do infortúnio são produto e produtores de monstros, monstruosidades abjetas resultantes tanto do medo do devir fatídico, quanto da percepção do devir extremamente comum. Assim, as personagens configuram-se por meio do enfrentamento com o mundo que as inquiri, conjugando em si o bem e o mal, ainda que confrontadas ou não por seres malignos. Nesse sentido, os mundos possíveis concebidos pelo escritor permitem múltiplas leituras que, certamente, devem explorar os limites da intertextualidade e da própria configuração dos níveis narrativos, visto que há textos que caminham nos limites tênues existentes na composição de narrativas de encaixe.

As monstruosidades propostas por Viale Moutinho não se dão apenas no âmbito da configuração de monstros já conhecidos ou na constituição de seres míticos, mas na percepção dos caminhos que a monstruosidade constrói tanto no humano como no não humano. O natural e o sobrenatural ou não natural das histórias escritas pelo autor enveredam pelos caminhos do insólito e, também, pela subversão e ruptura próprias do fantástico, transmutando a realidade de personagens também compostas para extrapolar limites, testando, inclusive, as fronteiras de seus tempos do infortúnio.

Tem-se, pois, monstros e monstruosidades produzidos em tempos contínuos e desconhecidos, em narrativas marcadas pela intertextualidade e riqueza de elementos míticos e históricos. A demanda designada ao leitor foca, desse modo, em buscar mais informações sobre aquilo que lê. A narrativa tensiona os limites das monstruosidades, do fazer literário e, em certo sentido, dos percursos investigativos de modo geral. Os mundos possíveis

ficcionais de Viale Moutinho instituem-se, portanto, a partir de traços do insólito, permitindo ao interdito uma intervenção precisa em quotidianos corriqueiros. As histórias clarificam circunstâncias específicas que, porém, ganham outra luminosidade ao perpetuarem certa angústia ou questionamento até depois de ter-se virado a página.

Constituem-se, nesse sentido, monstruosidades ainda a serem investigadas, descritas e pesquisadas. E, assim, em busca de novos caminhos, trilhar os tempos do infortúnio nem tão distantes da realidade de cada um e de todos os leitores, capazes, então, de combater e reconhecer seus monstros e monstruosidades, principalmente em seu mau vizinho.

REFERÊNCIAS:

LOVECRAFT, H. P. (2007). *O horror sobrenatural em literatura*. São Paulo: Iluminuras.

SILVA, Luciana Morais da (2016). *Figurações da personagem e o universo insólito nos novos discursos fantásticos: narrativas curtas de Murilo Rubião, Mário de Carvalho e Mia Couto*. 216p. (Tese - Doutorado em Letras) - Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal. In <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/39121#> Acesso em: 18.Mar.2018.

VIALE MOUTINHO, José (2018). *Monstruosidades do tempo do infortúnio*. Ilustração Alberto Péssimo. Lisboa: Letras e Coisas.